

O SAARA: A PAISAGEM E OS HOMENS

GARDI, RENÉ — *Sahara*

Editions Sequoia, Paris — Bruxelles — Berne — 1970.

Estamos diante de um livro de divulgação. Todavia um belo livro, uma autêntica obra de arte.

Seus autores não são especialistas de renome sobre o Saara. Nem pretenderam escrever um trabalho de alto nível científico. Objetivaram sim, propiciar ao grande público uma visão válida e realista do grande deserto. Incompleta, diríamos; talvez mesmo insuficiente, caso fosse outra a sua intenção. Dentro do plano que traçaram, contudo, o êxito foi completo. Não haverá quem, após a leitura da obra, não se sinta familiarizado com o Saara, sua paisagem física, a vida animal que o anima, o seu passado e os homens que nele habitam.

Magníficas as fotografias em cores que compõem a parte fundamental do livro. São elas, na maior parte de autoria de René Gardi, que também se encarregou de escrever duas das cinco partes em que se divide o texto da obra. Karl Suter, Alexander Wandeler e Hans Rothert escreveram as restantes.

René Gardi trata dos aspectos atuais do deserto, surpreendendo-o na sua fase de transição para uma economia moderna, graças à descoberta e exploração do petróleo; mas também retrata, ainda que de modo extremamente sumário, a história da descoberta do Saara.

Fala-nos a respeito das doenças endêmicas no seio das populações saarianas, descreve o sistema de

abastecimento de água nos oásis, através dos "foggaras", escreve sobre os Tuareg, sobre os camelos, peça essencial na paisagem árida, as salinas do deserto, na sua importância histórica e atual. E conta-nos ainda a história da descoberta do Saara, a partir das referências encontradas na obra de Herodoto, passando pelo que dele disseram os autores romanos e os viajantes árabes, para chegar às descrições feitas pelos europeus, desde o genovês Malfante até os grandes exploradores do Século XIX, entre outros Caillié, Mungo Park, Barth, Horenmann, Duveyrier e Nachtigal.

Já Karl Suter, professor na Universidade de Zurich, fala sobre a geografia do Saara. Descreve o seu clima, o seu relevo, fala dos recursos hídricos, a economia dos oásis e finalmente sobre as populações saarianas. Acentua a importância do nomadismo na vida da região e informa-nos sobre os tipos de habitação utilizadas. Fala também das aglomerações humanas, decadentes, em grande parte, mas por vezes, conhecendo um novo florescimento, como acontece, por exemplo, com Ouargla, em função da exploração das jazidas de petróleo e Ghardaia. E finaliza realçando a importância das riquezas do subsolo de Saara, capazes de motivar grandes modificações na paisagem por tantos anos quase móvel do grande deserto.

Sobre a fauna do Saara fala-nos a seguir Alexandre Wandeler, tanto acerca dos mamíferos, como das aves e dos répteis.

Concluindo o texto, o Dr. Hans Rothert, Diretor do Museu Linden, de Stugart, escreve sobre as pinturas rupestres do Saara, de modo superficial e sucinto.

Em realidade, o livro nada acrescenta ao que já foi escrito sobre Saara. Se o artigo do Prof. Karl Suter se destaca dos demais por um maior conteúdo científico, vê-se bem não haver tido ele a preocupação de ir mais longe, aprofundando-se no assunto.

Trata-se, contudo, de uma obra útil pois dará certamente a todos os que a consultarem, a oportunidade de visualizar aspectos de paisagem física e humana do deserto raras vezes focalizados. É bela, pela excelente qualidade das fotografias que a compõem, aliada a uma irrepreensível apresentação gráfica.

W.F.O.

TEATRO AFRICANO EM LÍNGUA INGLÊSA

LITTO, FREDRIC M. — *Plays from Black Africa* — New York, Mermaid — 1968.

Seis peças de teatro escritas por africanos em língua inglesa estão reunidas nessa antologia preparada e prefaciada por Fredric M. Litto. Antes de qualquer apreciação sobre a obra em si mesma, e sobre cada uma das peças selecionadas, são convenientes algumas palavras sobre o organizador. Fredric M. Litto, atualmente membro do corpo docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de S. Paulo, vem prestando valiosos serviços à divulgação do teatro africano. Ainda professor na Universidade de Kansas, nos Estados Unidos, foi ele por muito tempo editor do *Afro-Asian Theatre Bulletin*, publicação especializada que levou e continua levando a muitas partes do mundo notícias sobre as atividades teatrais

na África. Como editor do AATB, ganhou vasta informação sobre o que, no particular, o Continente Negro oferece de novidade.

Na escolha das seis peças inseridas em *Plays from Black Africa*, Fredric M. Litto orientou-se pelo critério da facilidade de percepção do material literário entre leitores americanos e europeus, bem como pela viabilidade de encenação do texto dramático. Seguindo essas diretrizes, reuniu, em seu trabalho, *The Rythm of Violence*, de Lewis Nkosi; *Song of a Goat*, de John Pepper Clark; *The Rain-Killers*, de Alfred Hutchinson; *Edufa*, de E. Th. Sutherland; *The Jewels of the Shrine*, de James Ene Henshaw; e *The Literary Society*, de Henry Ofori.

Uma variedade de tendências caracteriza a seleção, mas algumas constantes podem ser estabelecidas, depois de um confronto dessas peças entre si. De uma forma ou de outra, encontra-se, nelas, a imagem do conflito entre os padrões de sociedades tradicionais e a absorção dos valores da sociedade ao molde do Ocidente. Por vezes sobre o conflito recai a luz da extrema violência e do choque sangrento entre as raças, como na obra do sul-africano Lewis Nkosi, virtuoso do diálogo e mestre da crise dramática sob a forma de uma tensão que em nenhum momento se esvai. Em outras ocasiões, é uma farsa que resulta, como na hilariante comédia do ganense Henry Ofori (*The Literary Society*); o modelo da sociedade litero-recreativa, bem generalizada invenção da classe média ocidental, manobrada por mãos equivalentes em África, exige a força de um quase-Tchekhov para elaborá-lo em forma de comédia africana. E Ofori, se não pensou no grande russo, não compromete o mestre de *Um Pedido de Casamento*, cujo espírito preside à sua sátira.

The Rythm of Violence é um terrível retrato da África do Sul, re-

colhido numa comunidade urbana multi-racial de jovens que não aceitam a filosofia e a *praxis* da *apartheid* e contra elas combatem com todas as armas. A linguagem dramática de Nkosi é versátil instrumento para a violência do tema, mas, a despeito do seu brilho e poder expressivo, fica-se a pensar no jargão literário universal dos países de língua inglesa, em qualquer oceano: há pouco de africano na forma e nos contornos, dessa linguagem.

Já o nigeriano John Pepper Clark soube colocar a sua segunda língua em função de um tema e de uma imagística autenticamente oriundas da África Ocidental. *Song of a Goat* não escapa a paradigmas da tragédia grega, é verdade, mas sente-se que a presença do modelo é apenas o estabelecimento de um território comum onde o tema poderia ser lançado, num esquema de força primitiva, de problemas humanos essenciais, como só a tragédia soube fazer até hoje. Um dado vital — a potência viril — é posto em jogo: o protagonista, Zita, a quem falta, nega-se a admitir a sua fundamental importância no quadro da existência e insiste em conviver com Ebiere, sua jovem e vibrante esposa. Dessa violação da ordem natural resulta a tragédia, cuja torrente nenhuma interferência pôde sustar. Ebiere, impressionante figura feminina, torna-se amante do irmão de Zita e só um sacrifício, que a todos arrasta, pôde recolocar o mundo nas linhas da normalidade. Poucos poetas conta atualmente o drama em qualquer país ou língua com a força e beleza de John Pepper Clark. Isto foi sublinhado, com razão, pelo próprio Frederick M. Litto em seu estudo introdutório.

Alfred Hutchinson nasceu no Transvaal Oriental, África do Sul. *The Rain-Killers* é um vasto mural de costumes da sua gente, na ponte cultural por onde migra para a so-

cidade moderna. *The Rain-Killers*, menos na forma que na essência, é um drama épico conforme os padrões brechtianos. O diálogo constrói uma narrativa, e o que resulta é um panorama de costumes: o conflito individual serve ao social — social, não de classes. Preconceitos implantados na sociedade negra modificada pelos brancos arrastam ao sacrifício o pastor religioso Mfundu e a moça Mapule, em choque com a pequena comunidade de Mzindi. São valores morais que são postos em discussão. E o imenso quadro, que arrola uma grande variedade de tipos humanos, deixa uma impressão de melancolia, ao retratar uma sociedade que soube herdar dos seus senhores brancos o preconceito à maneira vitoriana e um sentido de convivência comunitária sem grandeza nem originalidade, Hutchinson, como Nkosi, é sul-africano expatriado.

Quanto a Efua Theodore Sutherland, ganense, e James Ene Henshaw, nigeriano, muito devem aos ingleses, seus mestres em literatura dramática, não importam os temas nativos das suas peças. Falta-lhes, mesmo, aquela chancela do perfeito ajustamento ao novo *establishment*, que se percebe através do humor de *The Literary Society*, de Henry Ofori, leal cidadão da moderna e próspera Gana. A Shakespeare, Shaw e Jane Austen há que pagar sempre algum subsídio, se em inglês se fez a escola.

Estamos informados de que Frederick M. Litto tem em preparo outras séries de peças teatrais para publicação na forma de *Plays from Black Africa*, agora, ao que nos consta, enfocando obras elaboradas em línguas outras que não a inglesa, inclusive aquelas obras oriundas dos antigos territórios franceses, que têm produzido importantes autores em diversos gêneros literários. Julgamos indispensável, também, que o drama diretamente fixado nas principais línguas afri-

canas venha a ser objeto de divulgação dentro do projeto do Prof. F. M. Litto, visto que interessantes experiências têm sido levadas a cabo neste setor, como o teatro iorubá de Duro Ladipo e seus companheiros, já conhecido e aplaudido fora da África. Tudo isto porque, conforme escreve no estudo introdutório de *Plays from Black Africa*, "o drama, de maneira bastante significativa, é talvez a forma mais conveniente de expressão literária para o escritor africano. Como Michael Crowder sugeriu em "Tradition and Change in Nigerian Literature" (*Tri-Quarterly*, Evanston, Illinois, n.º 5, 1966), o teatro oferece ao artista africano — de outro modo isolado — direto contacto e resposta com a platéia e a oportunidade de pôr juntos a literatura, a música, o conto e a dança — elos de ligação com a literatura oral da sua tradição que não ficam à disposição do romancista e do poeta".

Nelson de Araújo

A IMPRENSA NA CORÉIA

SOHN, Pow — Key, PH.D. —
Early Korean Typography

Seoul, The Korean Science Research Institute — 1971 — 147 ps. ilus. — (Impresso em inglês e coreano).

O Prof. Pow-Key Sohn, da Yonsei University, realizou nesta obra uma interessante análise da imprensa na Coréia desde as suas origens.

A obra merece especial destaque, considerando que foi na Coréia que o tipo móvel teve as suas origens.

As pesquisas realizadas resultaram da busca intelectual voltada para o interesse de divulgar o conhecimento humano.

O autor considera de grande importância para o Mundo Ocidental

o conhecimento das raízes históricas desta grande invenção, a imprensa.

Verifica de que maneira a invenção da imprensa chegou a este estágio na história e o impacto que causou no mundo ocidental sob o ponto de vista sócio-econômico e cultural.

O desejo persistente de ampliar o raio de conhecimentos levou os coreanos a implantar tipografias, enquanto que o zelo religioso os conduziu a preferir a impressão de escrituras sagradas.

A propagação fez-se através dos chineses e dos árabes. Os coreanos desenvolveram não só o uso de tipografias como também a técnica de xilogravura.

Analisa o autor, em termos comparativos, a impressão que causou esta nova atividade na Coréia e no mundo ocidental, ou seja na Europa. Concluiu que na Coréia não representou o mesmo papel que na Europa nem produziu o mesmo impacto na vida do povo. Enquanto no Ocidente a imprensa partiu de iniciativa privada, na Coréia permaneceu por muito tempo como monopólio do Governo.

A imprensa coreana no seu processo de contínuo desenvolvimento conheceu os tipos móveis metálicos na fundição real da Dinastia Yi. A Coroa detinha o monopólio desta nova técnica e por mandato real suprimiu as atividades das imprensas não-reais.

Assim, a imprensa na Coréia antiga servia a um pequeno grupo de nobres. Outros aspectos são abordados e outros obstáculos são apontados como prejudiciais ao desenvolvimento e à propagação da imprensa. Entre outros as restrições aos tipos de livros impressos. Durante a Dinastia Yi, favoreceu-se a impressão dos clássicos chineses, enquanto que a impressão da literatura coreana em alfabeto coreano foi negligenciada.

Lamenta o autor que embora as técnicas coreanas fossem desenvolvidas para a época não foi feito o devido uso, mas indiscutivelmente a Coréia contribuiu de modo significativo para a história da imprensa embora tenha sido de forma indireta, através da China.

Concluindo, o autor pretende mostrar que o monopólio da ciência circunscrita a determinada área e limitada a determinado grupo, não pode ser aproveitado por uma sociedade em um caráter mais amplo.

Trata-se de uma publicação bem elaborada, cujas colocações são lúcidas. As ilustrações são em grande quantidade em forma de fac-símile e fotografias, inclusive referentes ao Sutra Diamante, obra impressa em folhas de ouro por volta do século X, cujo tamanho é de 14.8 x 13.7 cm, contendo cada página 17 linhas.

A obra é importante pela quantidade de informações que traz, contribuindo de modo decisivo para a História da Imprensa.

Katia Maria de Carvalho Silva